

Sabia que ...

... o Oceano sofre os efeitos da tripla crise planetária?

Nenhuma região do oceano escapou aos impactos combinados das alterações climáticas, da perda de biodiversidade e da poluição. A constatação é da nona edição do Copernicus Ocean State Report (Relatório Copernicus sobre o Estado do Oceano), divulgado pelo Serviço Marinho Copernicus da União Europeia.

Responsável por absorver 90% do calor excedente gerado pelas emissões de gases com efeito de estufa, o oceano está a aquecer a um ritmo acelerado. Os impactos são diretos sobre os ecossistemas, a pesca, as cadeias alimentares, as culturas costeiras e a própria estabilidade climática do planeta.

O relatório é considerado uma das principais referências globais para a formulação de políticas oceânicas e climáticas. “Estamos perigosamente próximos de ultrapassar os limites planetários: todas as partes do oceano estão agora afetadas pela tripla crise planetária”, afirmou Pierre Bahurel, diretor-geral da Mercator Ocean International, responsável pela implementação do serviço.



O levantamento — elaborado por cientistas ligados ao programa europeu de monitorização da Terra — alerta para o desequilíbrio do sistema climático global e reforça o papel do oceano como indicador e regulador das mudanças em curso.

No Brasil, a costa atlântica regista um aquecimento acima da média global. O país também lidera o lançamento de plástico no oceano entre as nações das Américas. As ondas de calor marinhas, cada vez mais frequentes, representam um risco crescente para a pesca e para a aquicultura.

A cientista Karina von Schuckmann, presidente da iniciativa, reforça que a compreensão científica é fundamental para orientar as decisões públicas. “O oceano está a mudar rapidamente. Sabemos porquê e conhecemos os impactos. Esse conhecimento é um plano de ação para restaurar o equilíbrio entre a humanidade e a natureza.”

Recordes de calor e colapso dos ecossistemas

Desde a década de 1960, o aquecimento oceânico tem vindo a acelerar, indicando que o sistema terrestre está perigosamente desequilibrado devido às alterações climáticas. Em 2024, a temperatura média da superfície do mar atingiu **21 °C** — a mais alta já registada. Embora as variações pareçam pequenas, o aumento térmico tem efeitos devastadores em todo o sistema climático.

Em 2023 e 2024, o oceano passou por ondas de calor que superaram os picos históricos de 2015 e 2016 em 0,25 °C. No Atlântico, houve locais que permaneceram mais de 300 dias sob condições de onda de calor marinha. Os efeitos são visíveis: colapso de stocks pesqueiros, perda de espécies e prejuízos crescentes para as comunidades costeiras.

No Atlântico Tropical Norte, 2023 registou a onda de calor marinha mais intensa da história. Ilhas das Caraíbas enfrentaram mais de 250 dias consecutivos de calor extremo. Entre a Colômbia e o Brasil, foram mais de 180 dias — seis meses — de temperaturas anormalmente elevadas.

No Mediterrâneo, a onda de calor de 2023 elevou a temperatura da água até **4,3 °C** acima da média, favorecendo espécies invasoras e dizimando cultivos tradicionais, como as amêijoas no delta do rio Pó, em Itália.



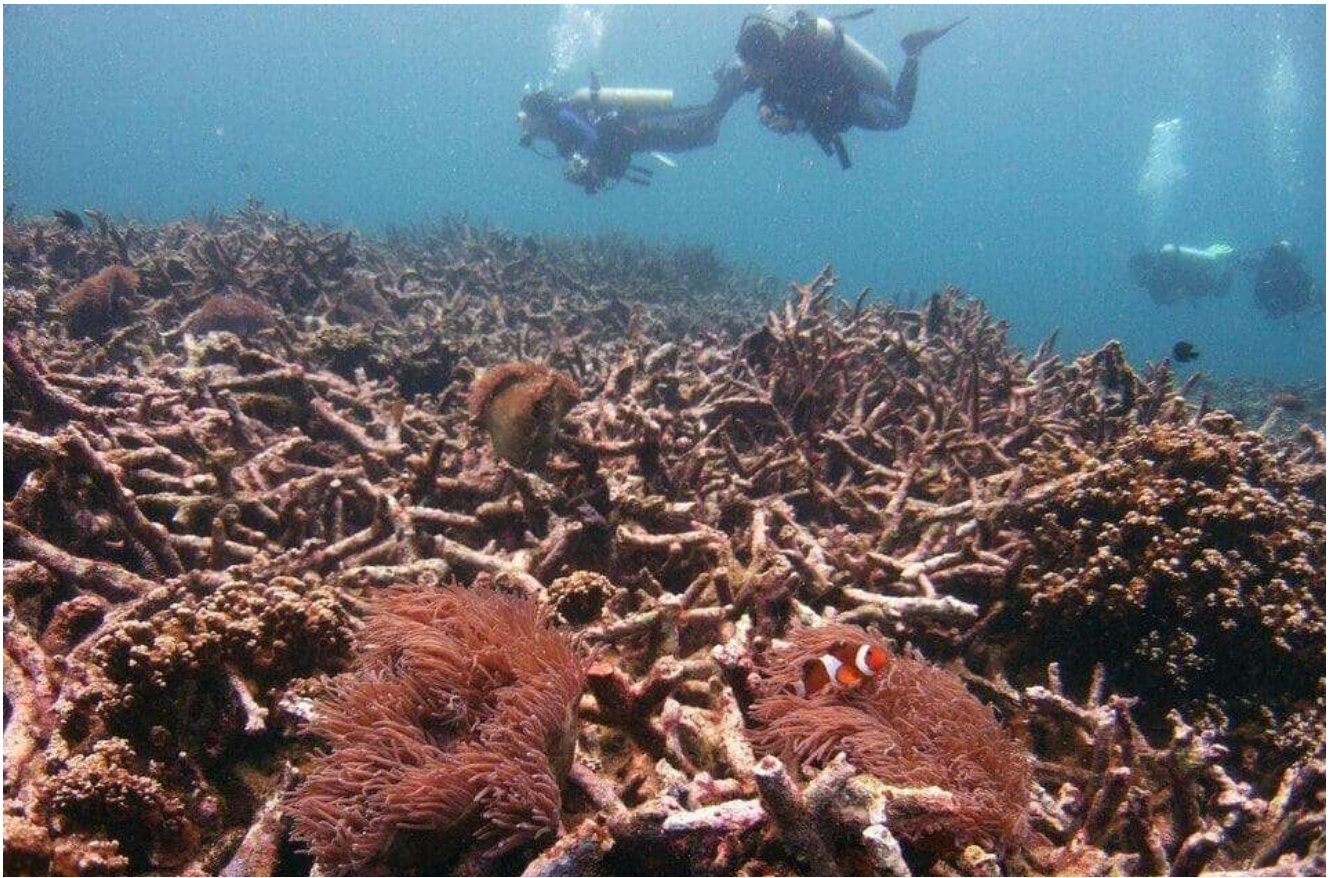
As ondas de calor marinhas têm-se tornado mais intensas nas últimas décadas.

Biodiversidade ameaçada

O relatório mostra que as áreas de alta biodiversidade estão a acidificar-se mais rapidamente do que a média global. O fenómeno, aliado ao aumento da temperatura e à poluição por plásticos, compromete a sobrevivência de espécies já vulneráveis.

Os recifes de coral são um exemplo da sobreposição de pressões. O estudo destaca que **75% dos países que mais poluem o oceano com plástico** — mais de 10 mil toneladas por ano — possuem recifes em situação crítica.

A migração do **micronekton** (pequenos organismos marinhos que sustentam a cadeia alimentar) em direção aos polos evidencia uma transformação silenciosa, mas profunda, dos ecossistemas oceânicos.



Poluição plástica global

Resíduos plásticos provenientes de todos os continentes já atingem todas as bacias oceânicas. No contexto latino-americano, o Brasil surge como o maior emissor de plástico para o mar. Os corais da costa leste da América do Sul e das Caraíbas estão entre os mais ameaçados.

No Pacífico da América Central e do Sul, zonas altamente produtivas encolheram mais de 25% desde 1998, afetando algumas das pescarias mais ricas do mundo.

Degelo polar e aumento do nível do mar

As regiões polares continuam a registrar recordes negativos de cobertura de gelo. No Ártico, entre dezembro de 2024 e março de 2025, foram observados quatro recordes de perda. Em março, havia **1,94 milhão de km²** a menos de gelo marinho em relação à média histórica — uma área equivalente a seis vezes a da Polónia.

Na Antártida, fevereiro de 2025 marcou o terceiro ano consecutivo de retração da calota, totalizando uma área quase três vezes maior do que a de França.

O nível médio do mar já subiu **228 mm desde 1901**. A aceleração preocupa as autoridades globais: só na Europa, **200 milhões de pessoas vivem em zonas costeiras**. Sítios históricos classificados pela **UNESCO** também estão sob risco crescente de inundações nos próximos séculos.

Adaptação da publicação:

https://sustentix.sapo.pt/oceanos-sofrem-os-efeitos-da-tripla-crise-planetaria/?utm_source=SAPO_HP&utm_medium=app&utm_campaign=destaques